

MUSEU DA PESSOA

História

A visita da Santinha

História de: [Roseli Tadeu Nabarrete](#)

Autor: [Roseli Tadeu Nabarrete](#)

Publicado em: 30/08/2011

História completa

Minha família sempre morou nas imediações da Rua Loefgren, Rua Sabino e Rua Belmiro de Almeida, e portanto conhecemos bem as coisas que por aqui [bairro da Vila Mariana, em São Paulo] aconteciam, desde escorregar no “buracão” quanto olhar as flores nos quintais das casinhas térreas e correr dos cachorros que cruzavam nosso caminho, e olhe que eram muitos. Meu pai, Pedro Nabarrete Filho, publicitário na Folha de São Paulo, e minha mãe, Elza Imperial Nabarrete, dona de casa, conheceram-se numa festa de São Pedro, casaram-se aqui e meus irmãos e eu somos antigos no pedaço. Quem não se lembra do Itamarati, que além de clube de futebol tinha a sua sede na Rua Joel Jorge de Mello e onde havia bailes nos finais de semana e nos carnavais? Toda a vizinhança ia brincar junto. Quantos casais se apaixonaram nesses bailes. A história que conto abaixo foi real e quem é desse tempo com certeza irá lembrar desse evento tão esperado pelas famílias católicas. A VISITA DA SANTINHA NAS CASAS DA VILA MARIANA. Por volta de 1957/58 a nossa paróquia, Nossa Senhora da Saúde, organizava uma visita de Nossa Senhora Aparecida nas casas do bairro Vila Mariana. Era uma festa, pois o andor com a santinha ficava uma semana em cada casa da região. No dia em que ela chegava a uma determinada casa, os anfitriões serviam, depois da reza, bolos, refrigerantes e salgadinhos. A casa ficava lotada. E toda noite, se não me engano, durante uma semana, havia reza, e depois aquele bate papo gostoso entre todos os vizinhos. O dono da casa mandava confeccionar santinhos com a data e o nome da família. E no último dia da presença da santinha havia uma festa maior e todos os vizinhos colaboravam. Daí ela partia para outra casa. Nessa época, minha família e eu morávamos na Rua Loefgren, vizinhos da Dona Ofélia, da Dona Irma e da Dona Antonieta. A rua, ainda de terra, tinha poucas casas, mas com pessoas muito religiosas, afinal a maioria era de italianos, portugueses e espanhóis. A santinha ficava na sala da casa e eu, como era criança, tinha o maior medo de sair do meu quarto à noite, pois ela ficava com flores e velas ao seu redor. À noite, pedia para minha mãe me acompanhar até a cozinha ou ao banheiro e ela, com toda calma, me dizia: "Não tenhas medo, ela é uma Santa e está guardando o nosso lar". Mas isso não me convencia muito. Afinal, para uma criança, ela era uma estátua fria e muda e só. Não havia violência nessa época e nas casas entrava quem queria, sem precisar ficar tudo trancado. Tudo era tranquilo e acolhedor. Certa vez, na minha casa, no último dia da visita da santinha, foram tantas pessoas para a reza que o assoalho de casa ruiu. Foi uma "tragédia". Meus pais tiveram um trabalhão para consertar todo aquele "estrago". Felizmente ninguém se machucou. Como havia muitos vizinhos, homens bons e solidários que ajudaram nessa tarefa, não demorou muito e tudo voltou a sua normalidade. Meu bairro tinha essas curiosidades e hoje, olhando para trás vejo o quanto éramos felizes com tanta simplicidade e amizade. ROSELI TADEU NABARRETE Blogueira e moradora do bairro há 58 anos. (História enviada em agosto de 2011)